

**RASTROS E CICATRIZES:
A VELHICE NA ESCRITA FEMININA EM *QUARENTA DIAS***

***TRAILS AND SCARS:
THE OLD WOMAN IN FEMININE WRITING IN *QUARENTA DIAS****

Sara Caroliny Pires¹ (UEG)

Adolfo José de Souza Frota² (UEG)

Resumo: Este trabalho apresenta algumas reflexões sobre a representatividade da mulher senescente no romance *Quarenta dias* (2014), produzido pela escritora Maria Valéria Rezende, situada no contexto da Literatura brasileira contemporânea. Para definirmos o universo de nossas reflexões, buscamos suporte em textos teóricos que focalizam, de modo significativo, o envelhecimento na ficção brasileira: Beauvoir (1970), Bosi (1994), Elias (2001), Gagnebin (2009) entre outros. Dessa forma, é importante compreender que, em uma sociedade, que não valoriza os sujeitos nas malhas da velhice como guardiães das tradições, dificilmente reconhecerão que os senescentes possuem uma carga de experiências, e que evidentemente sem memória, a sociedade está fadada ao esquecimento.

Palavras-chave: Maria Valéria Rezende. Velhice. Memória. Escrita.

Abstract: This work presents some reflections on the representativeness of the senescent woman in the novel *Quarenta dias* (2014), produced by the writer Maria Valéria Rezende, situated in the context of contemporary Brazilian Literature. To define the universe of our reflections, we sought support in texts that focused significantly on aging in Brazilian fiction: Beauvoir (1970), Bosi (1994), Elias (2001), Gagnebin (2009) among others. In this way, it is important to understand that in a society that does not value the subjects in the meshes of old age as guardians of traditions, they will hardly recognize that the senescent have a load of experiences, and that, evidently, without memory, society is doomed to oblivion.

Keywords: Maria Valéria Rezende. Old age. Memory. Writing.

A imagem do velho no contexto histórico moderno

Definir a categoria senescente parece, em primeiro momento, ofício bastante simples, mas, ao refletir sobre o panorama histórico e social, a questão se torna complexa por implicar múltiplas dimensões: política, econômica, psicológica, cultura, social, existencial, biológica, dentre outras. Em um espaço de tempo, percebe-se que a sociedade começa a

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade – POSLLI da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Cora Coralina/Cidade de Goiás. Bolsista da FAPEG. E-mail: sarasslmb@hotmail.com

² Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade – POSLLI da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Cora Coralina/Cidade de Goiás. E-mail: adolfodredrifter@yahoo.com.br

PIRES, Sara Carolyn; FROTA, Adolfo José de Souza. **Rastros e Cicatrizes: a velhice na escrita feminina em Quarenta Dias.**

conceituar uma pessoa como velha, apenas porque esta atingiu uma soma razoável de anos. Desse modo, ao medir a velhice, amparados apenas por critérios cronológicos, é limitar o sujeito senescente, esquecendo da sua dimensão temporal subjetiva.

Com o advento do processo de industrialização na Inglaterra no século XVIII, a sociedade industrial, começou a refutar a imagem do velho, propagando a ideia de que ele não oferecia mais qualquer tipo de produtividade, associando o organismo do velho a uma máquina que se desgasta. Detentora do lucro, essa categoria de civilização configura o idoso como uma espécie de parasita, automaticamente eliminando-o do cenário moderno. Deste modo, a velhice carrega marcas pejorativas e é tomada de preconceitos. A mulher, o negro, o velho e o gay, assim como outros grupos também considerados “minoritários”, nunca tiveram a oportunidade de terem um discurso próprio em sociedades industriais, tornando-se sujeitos diminuídos, descaracterizados e sem identidade. A sociedade, ao negar o direito à fala e à transmissão de experiências do velho, faz com que ele se sinta ameaçado e fadado à ideia de decadências física e mental.

Ao longo dos séculos, foram concebidas várias imagens da velhice, sempre construídas socialmente. Assim, para Simone de Beauvoir:

O que define o sentido e o valor da velhice é o sentido atribuído pelos homens à existência, é o seu sistema global de valores. Segundo a maneira pela qual se comporta para com seus velhos, a sociedade desvenda, sem equívocos, a verdade – tantas vezes cuidadosamente mascarada – de seus princípios e seus fins. (BEAUVOIR, 1970, p. 97).

Por essa razão, a expressão “ser velho” na antiguidade é literalmente diferente da noção moderna de velhice. Na cultura chinesa, o envelhecimento significa a vida em um plano máximo, jamais entendida como infortúnio, é representada como uma etapa prestigiada da existência humana, de suprema sabedoria.

Sob a perspectiva simbólica, Chevalier e Gheerbrant (2007, p. 934) assinalam que, “se a velhice é um sinal de sabedoria e de virtude, se na China desde sempre honrou os velhos, é que se trata de uma prefiguração da longevidade, um acúmulo de experiência e de reflexão, que é apenas uma imagem imperfeita da imortalidade”. Dessa maneira, nessas sociedades consideradas “tradicionais”, cabia ao velho o exercício mnemônico e a transmissão das tradições em sua oralidade, desencadeando a narrativa oral. Isso porque o ancião, ao tecer seus conselhos e experiências, maximizava o poder de perpetuação de suas

PIRES, Sara Carolyn; FROTA, Adolfo José de Souza. **Rastros e Cicatrizes: a velhice na escrita feminina em Quarenta Dias.**

tradições. O ato de narrar lhe dava a garantia de reprodutor de conhecimentos e sabedoria, ou seja, por ser senescente (ancião), era considerado um sujeito detentor das “narrações exemplares”, assim a partir da ação de narrar as histórias coletivas, a memória cultural e social eram instauradas no cotidiano das pessoas.

À medida que as civilizações se estruturam sob o signo do poder, o receio de envelhecer se manifesta, perdendo a conotação dos tempos originais. A “problemática” da senescência é ligada diretamente ao *boom* do capitalismo, acentuando a oposição entre explorados e exploradores, ficando evidente a fragmentação entre o velho oriundo das classes abastadas e o velho empregado que, na aposentadoria, sofre o percalço da marginalização. O mundo contemporâneo, ao valorizar a juventude, esquece o velho que, desprezado, restringe-se do isolamento e da solidão. Desse modo, o ancião perde o prazer vital, constituindo-se em um sujeito entregue à desagregação prematuramente como ser humano. Com o nivelamento das informações e o progresso tecnológico, não só a memória dos velhos é atingida, mas também a dos jovens. Sem experiências, lembranças e rastros, a cultura contemporânea tende a se dissolver.

O novo cenário da modernidade do Pós-Guerra rompe as fronteiras de idade, classe, apenas ilusoriamente, pois lança todos em um painel obscuro e desintegrador, transformando velhos e jovens em robôs sem raízes e identidades. O homem contemporâneo “vende a alma” às modernas formas de forças da organização industrial, desintegrando a noção de harmonia cósmica entre espírito e matéria, juventude e senescência, vida e morte. A partir de algumas reflexões sobre a modernidade, o filósofo Walter Benjamin, no ensaio “Sobre alguns temas de Baudelaire”, denuncia o corrompimento da memória ocasionado pelo uso exagerado dos meios tecnológicos de comunicação, dos quais, por oportunizar repetições mecânicas desprovidas de experiências, esgota-se nas órbitas do idêntico. Evidenciando, segundo ele, a tragédia da contemporaneidade, visto que a “era da reprodutibilidade técnica” ignora as tradições e “arquiva o passado para se transformar em apologia do já existente”.

Na tentativa vertiginosa do sempre novo criar, no contexto da modernidade, assume paradoxalmente, o rápido envelhecimento e o olvidamento das notícias. E, por enfatizar apenas a informação e a sensação, rejeita a interação e emoção do leitor do circuito comunicativo. Assim, a crítica benjaminiana considera que a informação não entra na tradição, ou seja:

Na substituição do antigo relato pela informação, reflete-se a atrofia da experiência. Todas estas formas se separam, por sua vez, da narração que é uma das formas mais antigas da comunicação. A narrativa não visa, como a informação, a comunicar o puro em-si do acontecimento, mas o incorpora na vida do relator, para proporcioná-lo, como experiência, aos que escutam. Assim no narrado fica a marca do narrador, como a impressão da mão do oleiro sobre o pote de argila. (BENJAMIN, 1975, p. 40).

Esse estilo artesanal da narração, cujo fascínio demarcava no ouvinte o gosto das tradições, esvaeceu-se no mundo moderno, técnica e informação obstruíram o impulso vital encarregado pelo fluir das lembranças. Desse modo, nas sociedades industrializadas, definha-se a arte de contar histórias, apagando todos os rastros e rompendo com todas as raízes do passado, tornando o presente fragmentado como um espelho estilhaçado. O homem moderno, subordinado ao trabalho e regido pelo capitalismo, não consegue mais perceber a figura do velho como guardião do saber, suas experiências não interessam à contemporaneidade tecnológica, ou seja, a senescência se tornou marginalizada perante uma sociedade que valoriza o “novo”, pois o destroçamento da memória impulsiona o homem moderno a perder o sentido da História, cair nas malhas do tédio, alienação e solidão.

A sociedade moderna rejeita o velho, não consegue perceber que, sem ramificação das raízes, o novo é efêmero e rapidamente envelhece. De acordo com Olgária Matos:

Modernidade e caducidade são captadas naqueles que a cidade exclui, marginalizando-os: são os velhos, o “lixo humano” dos *Tableaux Parisiens*. Tal como no barroco, o velho - como a face da natureza – está petrificado na rigidez; é a “mimese da morte”; liga-se a máscara mortuária hipocrática produzida pelo barroco. O velho figura e repetição, da mesma forma que a cidade se constitui de amostras, todas parecidas ou quase, de personagens que “adaptadas a mecanismos automáticos não podem ter por si só a não ser gestos autônomos. (1989, p. 72, grifos da autora).

Ao lançar um olhar que penetra pelas brechas e fragmentos do mundo atual, Matos (1989) reflete sobre a condição hostil que o velho enfrenta. As repetições destituídas de experiências avançam para o esfacelamento do idoso, ocasionando uma profunda solidão e melancolia. Restando aos velhos, habitantes das zonas liminares das urbes modernas, a força imaginante da memória, pois a tendência da modernidade é paradoxalmente sufocar as recordações e experiências, oportunizando apenas o exercício do silêncio, culminando com à morte.

PIRES, Sara Carolyn; FROTA, Adolfo José de Souza. **Rastros e Cicatrizes: a velhice na escrita feminina em Quarenta Dias.**

A intolerância que o velho sofre, nas malhas da sociedade, faz com que o indivíduo se sinta diminuído e, conseqüentemente, marginalizado, ocasionando um desequilíbrio entre o velho e o novo. Ecléa Bosi (1994, p. 78) afirma que:

A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que pode se traduzir numa tolerância sem calor da sinceridade. Não se discute com velho, não se confronta opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação.

A partir dessa constatação, observa-se que a figura do velho está associada à noção de silêncio e apagamento, é como se esse indivíduo estivesse destituído de qualquer protagonismo no cotidiano da sociedade e principalmente da família. Reduzido ao ócio da vida moribunda, o idoso se vê em uma condição de sub-homem, imbuído de uma profunda solidão no mais alto grau de sua existência. Desse modo, pensar a velhice, biologicamente, como a idade em decadência mental e corporal, é admitir uma visão muito restrita e linear do processo de envelhecimento.

Ao convocar questões históricas da humanidade acerca da senescência, percebe-se que, na conjuntura de algumas narrativas ficcionais modernas, há uma preocupação em discutir a condição de alguns sujeitos marginalizados, dentre eles, o velho. Na tentativa de desmistificar a imagem estigmatizada do velho ao longo dos séculos, a escrita, por sua vez, anseia conservar as lembranças passadas e presentes, para que se tenha o desfrute delas por futuras gerações. Como lembra Jeanne Marie Gagnebin,

[a] memória dos homens se constrói entre esses dois polos: o da transmissão oral viva, mas frágil e efêmera, e o da conservação pela escrita, inscrição que talvez perdure por mais tempo, mas que desenha o vulto da ausência. Nem a presença viva nem a fixação pela escrita conseguem assegurar a imortalidade; ambas, aliás, nem mesmo garantem a certeza da duração, apenas testemunham o esplendor e a fragilidade da existência, e do esforço de dizê-la. (2009, p. 11).

Assim, a narrativa rompe com as fronteiras da imaginação e ultrapassa os limiares da memória para dar voz aos sujeitos invisíveis, sobreviventes do massacre bárbaro que assombrou o século XX, pois a tentativa de registrar o silenciamento e a marginalização desses sujeitos em decorrência da idade, sexo, raça e classe social, instaurou-se a necessidade de transmitir através da oralidade ou escrita o momento caótico que a sociedade presenciou, porém nem mesmo a escrita ou oralidade, garantia a certeza dos fatos. Portanto, somente com

PIRES, Sara Caroliny; FROTA, Adolfo José de Souza. **Rastros e Cicatrizes: a velhice na escrita feminina em Quarenta Dias.**

a retomada histórica e reflexiva da arbitrariedade enfrentada pelo velho, principalmente com o advento “tecnológico” na sociedade, é que pode ajudar na compreensão desses rastros e cicatrizes que norteiam a memória desses sujeitos contemporâneos representados ficcionalmente na atual conjuntura do romance.

Velhice e memória

Inscrito no panorama da contemporaneidade, o romance **Quarenta dias**, de Maria Valéria, instaura uma temática que questiona a condição silenciada do sujeito no limiar da maturidade para a terceira idade. A narradora-protagonista Alice, aposentada e residente em João Pessoa (PB), vê a necessidade de ter que mudar para Porto Alegre, a pedido de sua filha Norinha, para cuidar de um possível neto. Todavia, Norinha, ao constatar que seu cônjuge havia recebido uma bolsa de estudos no exterior, decide ir com ele, deixando sua mãe sozinha em uma cidade alheia. Alice, inconformada com a situação de abandono, deambula pela grande metrópole de Porto Alegre durante quarenta dias. Ao regressar para seu apartamento, a protagonista faz uso da escrita memorialística, registrando todas as experiências em um caderno velho cuja capa é da Barbie.

Diante disso, faz-se necessário refletir teoricamente sobre a velhice e o uso da memória na escrita da narradora-protagonista para compreensão do romance **Quarenta dias**. A idade do sujeito está ligada diretamente ao modo como ele constrói e reconstrói suas experiências do passado com o presente. Isso porque, segundo Gagnebin (2009), ao refletir sobre a memória, verifica-se uma ligação motriz a imagem ou conceito de rastro. Desse modo, Alice, ao narrar em seu caderno todas as experiências vividas em variados espaços de Porto Alegre, rompe com o silêncio e a solidão, instaurados pelo fato de sentir-se abandonada pela filha. Nesse caso, o ato de escrever é um exercício importante no processo de constituição da narradora, pois, proporciona uma sensação de ressignificação de sua vida. Conforme Gagnebin (2009, p.44, grifos da autora),

A memória vive essa tensão entre a presença e ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente. Riqueza da memória, certamente, mas também *fragilidade* da memória e do rastro.

O excerto acima é exemplar ao demonstrar a relação da memória com rastro, ambos lutam para não cair no esquecimento, mas com o tempo, lembranças, impressões e

PIRES, Sara Carolyn; FROTA, Adolfo José de Souza. **Rastros e Cicatrizes: a velhice na escrita feminina em Quarenta Dias.**

experiências, podem dar sintomas de fragilidade e fugacidade. Assim, a invisibilidade sentida por Alice, desde sua chegada em Porto Alegre, configura a necessidade de retomar a prática da escrita, pois o ato de escrever faz com que ela não permaneça em um deserto solitário:

Este caderno de ninguém e esta esferográfica barata que a Milena largou aqui são exatamente do que eu preciso. Um alívio, uma tarefa e coisas familiares pra antiga professora, uma fresta por onde respirar e deixar entrar alguma luz, voltar a pensar com certa clareza, reencontrar as palavras, minhas velhas ferramentas de trabalho. Me tranquiliza. (REZENDE, 2014, p. 14).

Nesse trecho do romance, fica evidente que, ao retomar o exercício da escrita, Alice quebra a fronteira do mutismo estabelecido pelo sentimento de abandono, além de provocar uma sensação de tranquilidade ao caos que tornou sua vida. A escritura incorpora reflexos de várias imagens remanescentes que se recompõem através da memória. Daí o caderno torna-se também palco onde se encontra representado o desejo do diálogo interativo com o outro (Barbie), assim percebemos a necessidade da narradora em sentir-se acompanhada, mesmo consciente de que sua escrita não será apreciada por leitores.

Ninguém vai ler o que escrevo, mas escrevo, mas escrevo. É a única maneira de voltar inteiramente, se é que ainda dá pra fazer meia-volta-volver. Mas tento, por isso deixo quieto lá no quarto-de-hóspedes-escritório o meu dinossauro eletrônico tão bem conservadinho e quero mesmo é o manuscrito, deixar escorrer tudo direto do corpo pra caneta e pro papel. A única coisa que tenho ânimo pra fazer agora. O único jeito possível de livrar-me deles, expulsá-los do espaço dentro de mim e recuperar minha própria presença é reduzi-los a tinta e papel e encerrá-los numa gaveta, ou tacar fogo pra sempre. Será? (REZENDE, 2014, p. 18).

Pela citação anterior, fica claro que Alice possui o gosto pela escrita, além de ser o único recurso que possivelmente resinificará suas lembranças e identidade, pois, desde que se mudou para Porto Alegre, ela não consegue ser percebida como “dona de si”, mas como uma “velha aposentada que cumpriria bem o papel de cuidadora de neto. A protagonista de Maria Valéria tenta fugir de uma solidão asfixiante e do ócio, próprio dos que perderam a visibilidade na vida. Abandonada em um apartamento que não é entendido como espaço feliz, Alice se sente angustiada e marginalizada. “E cá estou de novo metida nesta cozinha alheia, “showroom” de móveis modernos, com minha angústia e meu desacerto” (REZENDE, 2014, p. 23). O sentimento de solidão agregado à consciência da própria solidão faz com que a protagonista saia do apartamento e percorra a metrópole gaúcha de maneira frenética, tornando-se uma moradora de rua por “quarenta dias de andanças ao léu” (REZENDE, 2014, p. 45). Alice, ao infiltrar-se no turbilhão do trânsito porto-alegrense, torna-se mais uma entre

PIRES, Sara Carolyn; FROTA, Adolfo José de Souza. **Rastros e Cicatrizes: a velhice na escrita feminina em Quarenta Dias.**

milhares de sujeitos invisíveis e marginalizados pela sociedade contemporânea, seja pela idade, cor, sexo, raça e classe social. Essa invisibilidade tende a acentuar quando se trata de uma mulher no limiar da idade madura para a velhice.

Estou aqui de novo, ninguém me viu, o porteiro deve estar ainda fazendo sua sesta clandestina em algum canto do prédio e me sinto mais segura assim, quando ninguém me vê, invisibilidade defensiva que aprendi nas ruas. E vamos lá, Barbie, prefiro você que certamente não vê nada, com seus olhos de tinta e papel, tenha paciência comigo. (REZENDE, 2014, p. 46).

Desse modo, ao retornar para o apartamento, Alice faz uma varredura em sua memória, reconstitui todas as impressões e experiências que obteve nas ruas, becos, rachaduras e fendas da grande urbe, para finalmente convidar-nos a seguir passo a passo o movimento de sua escrita nas folhas amareladas do caderno, os rastros e cicatrizes que levaram a protagonista àquela condição de vida e a seu modo de enfrentá-la durante os quarenta dias de uma ampla liberdade, onde sentiu de perto a desigualdade, violência e a invisibilidade. Segundo Ligia Chiappini Leite (2001, p. 6): “Quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou”. Portanto, não tardamos em observar que o ato de escrever para Alice é uma forma de rememorar tudo que foi sentido em variados espaços periféricos de Porto Alegre, além de ser um mecanismo eficaz para escapar da solidão e do tédio sentidos desde que lhe foi negado o direito de escolha de ficar em João Pessoa, na Paraíba. Eis um dos dilemas que marcam a situação de mulheres aposentadas, vítimas do descaso da sociedade e principalmente da família as quais, em vez de terem preservadas suas raízes e suas experiências, são segregadas e silenciadas.

Nesse sentido, a condição invisível e marginalizada desse sujeito senescente ganha sentido a partir da teoria do abjeto. Julia Kristeva (1980), em **Powers of horror**, produz um ensaio sobre abjeção, através de um olhar cultural, e a correlaciona ao sujo e a algo que deva ser reprimido diante dos valores identitários que norteiam a sociedade e determinam as normas. Com essa afirmação, não é difícil incorporar o idoso àquilo que é abjeto porque as ausências de vitalidade e de alteridade transformam-no em um moribundo, fazendo com que esse sujeito seja rejeitado do meio social. Essa condição de abjeto marca o sujeito idoso e, no contexto do discurso literário de Maria Valéria Rezende, é entendido a partir da atitude de Alice ao sair desvairadamente pela cidade, incorporando os sujeitos estereotipados pela sociedade como marginais, velhos e aposentados.

PIRES, Sara Caroliny; FROTA, Adolfo José de Souza. **Rastros e Cicatrizes: a velhice na escrita feminina em Quarenta Dias.**

Segundo Norbert Elias (2001, p. 85):

Hoje, nas sociedades industrializadas o Estado protege o idoso ou o moribundo, como qualquer outro cidadão, da violência física óbvia. Mas ao mesmo tempo as pessoas, quando envelhecem e ficam mais fracas, são mais e mais isoladas da sociedade e, portanto, do círculo da família e dos conhecidos. Mesmo com o alto grau de individualização que prevalece, a maioria das pessoas em nossa sociedade forma, antes da aposentadoria, laços afetivos não só com a família, mas com um círculo maior ou menor de amigos e conhecidos.

Assim, o isolamento e o descaso com que esses indivíduos são tratados pelos seus entes ou sociedade exemplificam o comportamento melancólico e solitário diante da velhice, restando-lhes apenas os rastros mnemônicos do passado. Desse modo, a personagem, desde o instante em que a possível gravidez é notificada pela filha, faz reflexões sobre sua condição de “mulher aposentada”, “o certo para ela era que eu, afinal, já tinha chegado ao fim da minha vida própria, agora o que me restava era reduzir-me a avó” (REZENDE, 2014, p. 26).

No romance **Quarenta dias**, o processo de composição da escrita memorialística estabelece sintonia com a natureza identitária da protagonista, infiltrada no “avesso da cidade”. Alice lança um olhar subjetivo sobre as fronteiras e limites que segregam os sujeitos que compõem os entrelugares. Conforme Maria José Viana (1995, p. 24):

Pelo olhar é que captamos a imagem, e é através dele que a retemos e guardamos para um reconhecimento ou evocação posterior. Somente esta conjunção entre o captar e o guardar pode vencer os limites do presente, finito e mortal. A imagem, uma vez capturada pelo olhar, pode ser retomada, recuperada e trabalhada em cadeia com um complexo de imagens precedentes, permitindo a elaboração da nova impressão.

Dessa forma, ao incorporar a invisibilidade dos “marginais” normatizada pela sociedade ao longo do tempo, Alice consegue ultrapassar os limites impostos pelos diversos espaços da grande cidade, e delinea com seu olhar as rachaduras imperceptíveis que os “jovens” ou, até mesmo, cidadãos naturais de Porto Alegre não conseguiriam depreender. Sendo assim, as imagens, sensações e experiências captadas pelo olhar confluem-se, e a memória passa a operar na escrita de Alice, dando um tom significativo às reminiscências do passado.

PIRES, Sara Carolyn; FROTA, Adolfo José de Souza. **Rastros e Cicatrizes: a velhice na escrita feminina em Quarenta Dias.**

Considerações finais

A partir do exposto, procurou-se, no presente artigo, investigar a questão da representatividade da senescência no romance **Quarenta dias**, de Maria Valéria Rezende. Na tessitura da narrativa, nota-se que a voz é dada a uma mulher aposentada, classificada como abjeto por sua idade. A autora traz para o debate da literatura temas como senescência, identidade, alteridade e marginalidade, além da importância de denunciar a negligência por parte dos filhos com os pais. Alice, por meio do seu olhar sensitivo, projetado nas experiências sobre os meandros das camadas marginais de Porto Alegre, registra a escrita no papel por meio da memória, proporcionando, ao leitor, uma reflexão aprofundada sobre o drama enfrentado pela narradora-protagonista.

O romance **Quarenta dias** evidencia a protagonista como uma mulher angustiada em virtude de sua mudança para uma cidade desconhecida. É justamente a sensação de não pertencimento que a impulsiona a ganhar as ruas e a se deslocar pela cidade gaúcha, explorando os espaços degradados, decadentes e inóspitos, onde transitam mendigos, bêbados e outros sujeitos considerados abjetos. Ao cair da noite, Alice se refugia em rodoviárias, hospitais e becos, (não-lugares)³ à margem da metrópole, experienciando a invisibilidade de milhões de indivíduos.

O romance em estudo nos faz compreender que, muito além de aniquilar-se e murmurar devido à sua condição de mãe “abandonada”, Alice está em busca de si mesma, explorar a liberdade e exercer sua identidade. Portanto, o ato de andar, rememorar e narrar proporcionam à personagem energia para seguir a vida e enfrentar seu drama.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Trad. Maria L. Pereira. Campinas: Papirus, 1994.

BEAUVOIR, Simone. **A Velhice.** Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difel, 1970.

³ Ao definir a supermodernidade como produtora de não-lugares, Augé (1994) indica a ideia de espaços que servem apenas como ocupações provisórias, tais como as ferrovias, as rodoviárias, os hotéis, os meios de transporte, os aeroportos, entre outros. Esses espaços, conforme o autor aponta, não criam uma identidade particular, e muito menos, uma relação social. Os não-lugares criam, na verdade, uma espécie de solidão ocasionada por um rompimento de estabilidade com o espaço.

PIRES, Sara Caroliny; FROTA, Adolfo José de Souza. **Rastros e Cicatrizes: a velhice na escrita feminina em Quarenta Dias**.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. 2. ed. Trad. José Martins Barbosa e Hemerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1975.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos seguindo de Envelhecer e morrer**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GAGNEBIN, Jean Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

KRISTEVA, Julia. **Power of horror: na essay on abjection**. New York: Columbia University Press, 1980.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MATOS, Olgária C. F. Uma história barroca. **In: Os arcanos do inteiramente Outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 29-123.

REZENDE, Maria Valéria. **Quarenta dias**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

VIANA, Maria José Motta. **Do sótão à vitrine: memórias de mulheres**. Belo Horizonte: UFMG, 1995.

Recebido em 30/08/2018
Aprovado em 15/11/2018